

A mais importante casa de AUTOMOVEIS em Portugal



ALBERT BEAUVALET & C.^a Representante de **PEUGEOT** A MAIS AFAMADA MARCA DE AUTOMOVEIS.
PRAÇA DOS RESTAURADORES, LISBOA

AGUA CASTELLO

PREMIADA em varias EXPOSIÇÕES - FORNECEDORES da CASA REAL

PRINCIA VIOLET
NOUVEAU PARFUM
29, Bd des Italiens, PARIS

Violet SABÃO REAL DE THRIDACE
PARIS Sabão "Veloutine"
Acção: polvos medicos e Hygiene da Pele e Alivura do Rosto.

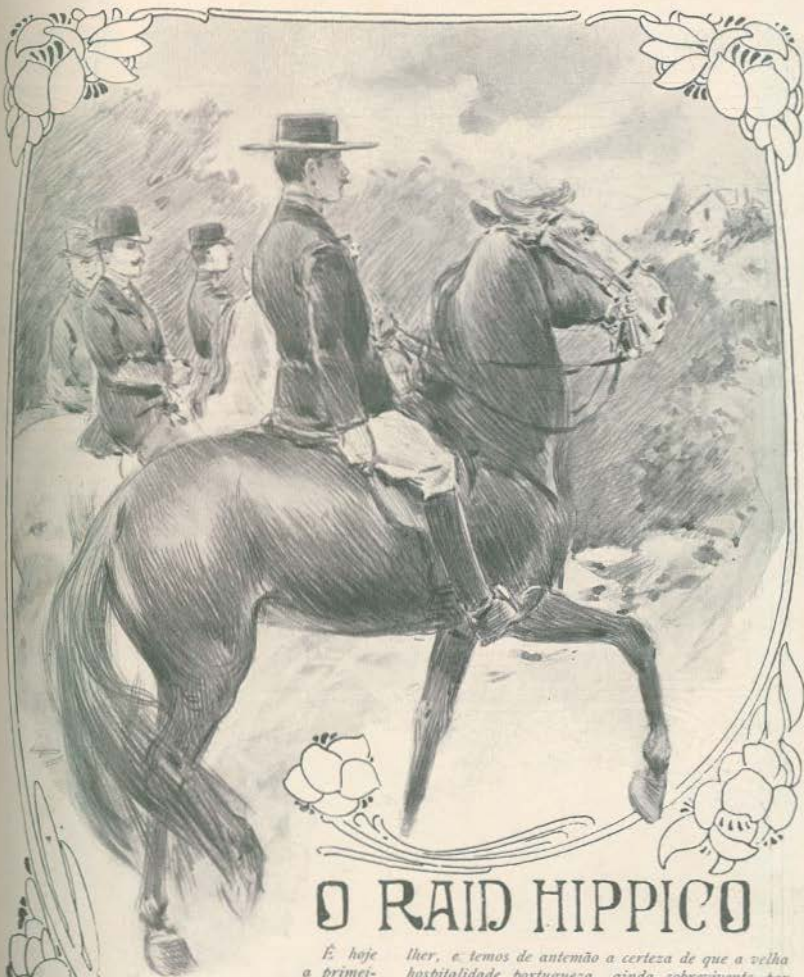
MADAME BROUILLARD

O passado, presente e futuro revelado pela mais celebre chiromante e physionomista da Europa, Madame Brouillard.

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, phonologia e physionomia e pelas applicações praticas das theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpenligney, Madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria. a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, italiano e hespanhol. *****

43, Rua do Carmo, sobre-loja
***** LISBOA *****

PARFUM **FLORAMYE**
L.T. PIVER
PARIS



O RAID HIPPICO

É hoje a primeira jornada do duplo raid hippico nacional promovido pela «Illustração Portuguesa». Os correntes da primeira secção que comprehende os officiaes do exercito, os socios das nossas agremiações sportivas e agricolas e os amadores de cavallos, partem hoje; e na proxima segunda secção, a que concorrem os sargentos do exercito, profissionais, negociantes de cavallos e feitores.

São as commissões locais formadas nas diversas «etapes» do percurso, que os vão aco-

lher, e temos de antemão a certeza de que a velha hospitalidade portugueza, ainda sobrevivente por todo esse generoso Portugal fóra, não desmentirá agora os seus primores de tradicional fidalguia.

Em toda a parte, desde um até outro extremo do percurso que vão realisar, os cavalleiros que tomam parte na actual prova serão recebidos pela fórma sincera e affectuosa que constitue o brazão nacional.

Aos que hoje partem, como aos que hão de partir d'aqui a oito dias, a «Illustração Portuguesa» deseja um completo successo e um regresso victorioso. A todos e a cada um desejaria mesmo que chegasse em primeiro logar e fosse o triumphador, se tal desejo não fosse materialmente impossivel de realisar.

O PERCURSO DO RAID

CALDAS DA RAINHA



Não ha em toda a Estremadura outra terra de aguas que seja mais concorrida, e isto desde que começou a moda de se ir no verão para as aguas. Ainda havia que fazer seis a sete horas enfadonhas de caminho de diligencia, desde o Carregado, com

a paragem obrigatoria, por causa das mudas, na celebre casa de pasto do Cercal, e já para lá accorriam caravanas numerosas todos os annos.

Certo é que a fama curativa do seu opulento manancial thermal vem firmada desde longe, e que o sitio, — o que não é indifferente para o effeito das aguas parece, — possui aspectos graciosos e pittorescos. Do alto do monte a que a villa se encosta, espraiaando-se pelo extenso valle, gosa-se um magnifico panorama, em cuja composição o mar entra com uma larga proporção do seu encanto supremo, a que os olhos nunca resistem. A matta, com a sua grande massa de arvoredo, espessa e silenciosa, impregnada de uma mysteriosa solemnidade druidica, e o passeio da Copa, sob faias e platanos de remota ancianidade, além dos lindissimos suburbios que as Caldas teem, constituem attractivos que não se encontram com facilidade em outra par-

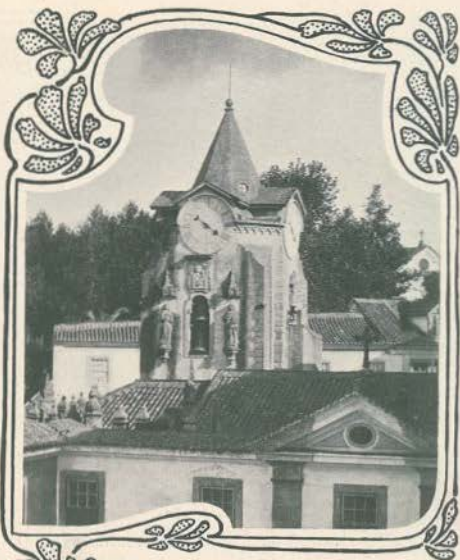


Torre da igreja matriz de Nossa Senhora do Populo (lado sul)

—Parque D. Carlos I: um trecho do lago

te, aqui ás portas de Lisboa. Depois, ha as lindas e interessantes digressões que, com facilidade, se pôdem realizar, á formosa bahia de S. Martinho do Porto, situada a uma hora de distancia, e, proseguindo para diante, á Marinha Grande, para ver a sua fabrica de vidros, e ao pinhal opulento de Leiria; á lagõa de Obidos, que offerece em Portugal o capitulo mais interessante de limnologia; a Alcobaga e á Batalha.

Escusado será falar aqui largamente do mosteiro fundado por D. Afonso Henriques, tão notavel pela monstruosidade da sua fabrica posterior, manuelina, como pela sua gloriosa tradição historica; ou d'essa assombrosa e incomparavel Batalha, delineamento do genial architecto mestre Afonso Domingues e maravilhoso lavor de pedra dos mais soberbos artistas. Quem viu uma vez os primorosos e inexcediveis rendilhados das suas capellas; a grandeza imponente dos seus tumulos reaes, sobre os quaes dormem em marmore, como debaixo em cinzas, algumas das maiores e das mais sympathicas figuras da nossa historia; a audaciosa abobada de cantaria da sua casa do capitulo; a preciosa traça da sua egreja; e vendo tudo isso, que é um especimen magnifico, e sem rival na península, da architectura gothica, evoca o



*Torre da egreja de Nossa Senhora do Populo
(lado norte)*



Capella-mór da egreja de Nossa Senhora do Populo

compromisso de D. João I, que fez surgir do solo despovoado Santa Maria da Victoria, ou seja Aljubarrota, sente elevar-se o coração n'uma tumultuosa commoção que a nenhuma outra pôde assemelhar-se.

Quanto ás aguas, que, afinal, só medianamente interessam a tres quartas partes dos forasteiros que vão ás Caldas, bem entendido, não ha duvida que teem produzido curas averiguadas. São sulphureas e brotam em caudal copioso. E teem a sua lenda, como aguas que se presam. Teria acontecido, quando seguia jornada de Obidos para a Batalha, passar uma rainha pelo sitio da Copa, onde vira varios doentes banhando-se em uns charcos. Excitada a curiosidade pelo estranho espectáculo, haviam-lhe satisfeito com a narração de varios milagres occorridos n'aquellas fontes thermaes. Ora succedeu que a rainha soffria de peito, e, como o caso se passava no seculo XV, nada mais natural que ella apear-se da mula e in continenti, sem mais apparato, resolveu-se a experimentar a agua dos taes charcos, que promptamente a melhorou, pelo que começou a divulgar as suas extraordinarias propriedades e mandou construir o estabelecimento thermal.

Esta rainha seria D. Leonor, filha do duque de Vizeu D. Fernando, irmão do outro que o primo e cunhado D. João II apunhalou, e que foi quem effectivamente fundou uma casa de banhos e o primitivo

*Estabelecimento balnear e hospitalar*

hospital das Caldas, dotando-os das suas próprias rendas, em 1488. Diz-se até que para tal fim benemerito a princeza, pouco abastada de recursos, vendera ao irmão D.

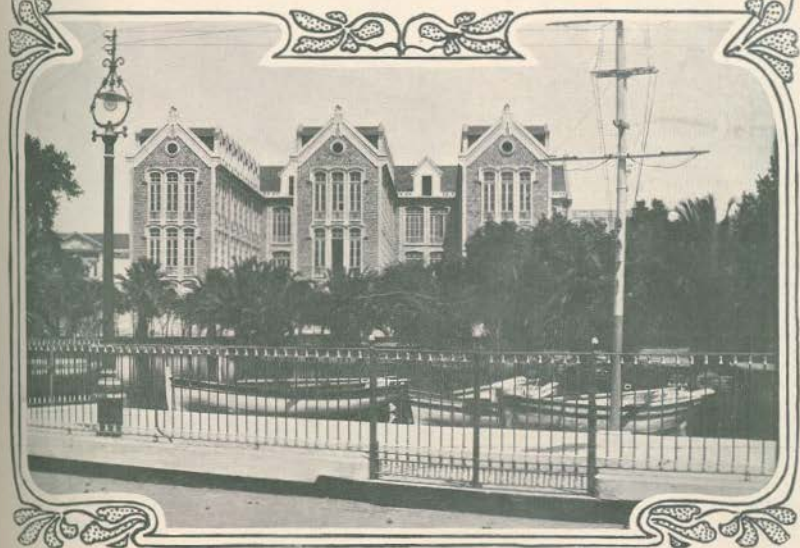
Manuel, afortunado e ostentoso, todas as suas joias; mas é de crêr que esta parte represente apenas um pormenor imaginoso da lenda. Além de D. Leonor—da qual adveiu

*Parque D. Carlos I: rua junto ao Casino*

*Parque D. Carlos I: rua central*

ao sítio o nome sobrevivente de Caldas da Rainha, —teve a villa, ao depois creada, um outro valioso e desvelado protector regio em

D. João V, que treze annos consecutivos, até morrer, para lá foi sempre, levando naturalmente atraz de si a côrte.

*Parque D. Carlos I: pavilhões*

*Chalet do sr. visconde de Sacavem*

De D. João V para cá está de vêr que as Caldas se tem transformado bastante, e até desde que acabou o tempo da diligencia a mudança tem sido profunda. Ainda de um periodo mais recente, de ha alguns annos, as differenças são bem sensíveis. Perdeu-se talvez um pouco de pittoresco, mas, em compensação, civilisaram-se os costumes. Já não se accceita como requinte de elegancia apparecer no Club de botas com salto de prateleira e jaqueta de alamares. Acabou essa estranha concepção do dandysmo, que fez larga epoca ali. Desappareceu o Pavão, o pianista inevitavel de todos os annos, e como elle outros typos caracteristicos. Até dos antigos soalheiros, que se reuniam sob o «cão de vidro», apenas resta uma memoria que se vae desvanecendo. Quem não tem ido ás Caldas já ha alguns verões, e se lembrar de lá ir agora, encontrará decerto muita coisa diversa dos habitos e ridiculos de outr'ora, que bem pôde ser cheguem a despertar-lhe alguma saudade.

Não nos detenhemos, porém, com a lembrança triste do que passou. E' preferivel tratarmos do que tem ao contrario persistido, escapando a acção transformadora do tempo. E o que tem persistido é a belleza sempre nova da paisagem, o delicioso encanto dos arredores, o effeito salutar das aguas, e — seria um crime não nos referirmos a ellas,

falando das Caldas,—as saborosas e inimitaveis cavacas.

As cavacas das Caldas! Não ha guloso que as não conheça e se não tenha deliciado com um cesto d'ellas, frescas, que um amigo amavel teve a idéa feliz de nos trazer, quando não podemos ir comel-as lá, que é onde sabem melhor, como acontece com as queijadas em Cintra, com os ovos molles em Aveiro, com o manjar branco em Coimbra... Torna-se indispensavel parar na enumeração, que teria geitos de não alcançar fim se pretendessemos citar todas as coisas doces e preciosas, que se fabricam em cada terra, para gozo dos paladares mais educados na divina sciencia do gosto.

Ah! as magnificas cavacas das Caldas! E, depois das cavacas, as numerosas e variadas coisas bellas que as Caldas tem, e que fazem subir agua na bocca, principalmente aquelles que o rigor das obrigações força a passar em Lisboa um verão inteiro, cheios de calor e de aborrecimento, como é naturalmente inevitavel, n'uma cidade que desde meados de junho começa a espapaçar-se na mais absoluta samsaboria de que pôde haver exemplo em capitães do mundo. Mas que recurso, se não suportar com paciencia as indocilidades da vida, que não perdõam a ninguém e a todos sacrificam, e consentir que gozem os felizes que pôdem ir para a Caldas divertir-se.

*Chafariz das cinco bicas*

(CLICHÉS DE F. MATHIAS)

JOSÉ DIAS FERREIRA



Com a morte do conselheiro Dias Ferreira desaparece sem duvida uma das figuras mais salientes da politica nacional, não só pela situação isolada em que se manteve constantemente, como pelas occasiões excepcionaes em que se produziu sempre a sua intervenção no governo.

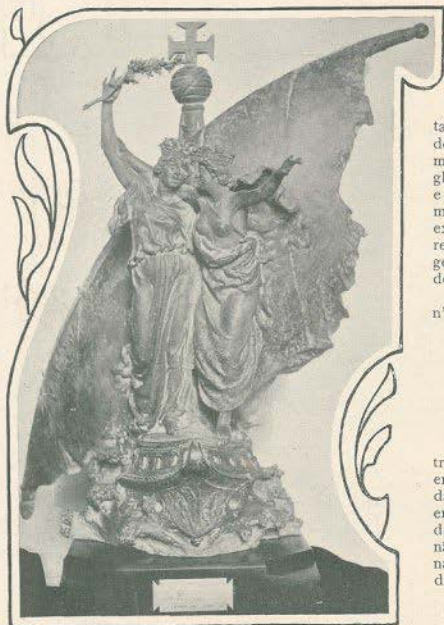
Apezar de não ter ainda mais que setenta annos, José Dias figurava, effectivamente, como actor em circumstancias agitadas, que a maior parte dos homens publicos actuaes não conheceram, e cuja lembrança, mesmo, a relativa proximidade dos factos não impede de andar um pouco esvaecida. Com 31 annos apenas fôra ministro com o bispo de Vizeu no gabinete saído do movimento da Jaceirinha, que durou alguns mezes de 1868; e dois annos mais tarde, depois da revolta do 19 de maio, geriu simultaneamente tres pastas no famoso ministerio organizado por Saldanha.

Eram outros os tempos de então, e emprestavam, por isso, um maior prestigio aos homens. Em 1892, quando n'um momento difficil da nossa vida poli-

tica e economica, o conselheiro Dias Ferreira foi incumbido de organizar um governo seu, não eram, tambem, as circumstancias para surprehender o estadista já experimentado em lances bastante mais singulares. Embora, contudo, tivesse representado este papel preponderante na politica, e, além d'isso, a sua posição inalteravel de combate contra todos os partidos o puzesse em natural evidencia, a fama mais larga adquirida pelo nome de José Dias Ferreira no paiz foi como jurisconsulto. Era na realidade um mestre eminente, o mais auctorisado, do direito e da jurisprudencia portugueza, e durante toda a sua vida versou com paixão a sciencia.

Nada fazia preadivinhar para tão breve o desfecho d'esta vida laboriosa. Todos nós o tinhamos visto e ouvido ainda ha pouco, em uma conferencia publica onde mais uma vez quiz acentuar os seus principios liberaes, exhibindo toda a veradura de uma velhice forte e vigorosa. A morte caiu inesperadamente sobre elle, como um furacão ou um pé de vento que, de sobresalto, derruba um roble.

FIGURAS E FACTOS



ESTÁ concluída em bronze, e esteve alguns dias exposta ao publico, a bella e inspirada obra escultural de Costa Motta, Sobrinho, que constitue a offerta do Grande Club de Lisboa ao Club dos Fenianos do Porto.

O novo trabalho do joven e talentoso artista representa duas admiraveis e perfeitas figuras de mulher, symbolos das duas cidades, amavelmente enlaçada á pôpa de uma das velhas náos gloriosas do nosso periodo epico de descobertas e conquistas. Ambas as figuras são maravilhosamente lançadas, e de uma grande felicidade de expressão e plastica primorosa, cujas formas parecem palpar, animadas de vida, sob as roupagens fluctuantes. A bandeira nacional cobre, dobrada, o grupo magnifico.

No pedestal lê-se a seguinte quadra, gravada n'uma placa de prata:

Nosso amôr, nosso carinho,
 No mesmo ideal se encerra:
 Defender o patrio ninho,
 Exaltar a nossa terra.

Todos que tiveram occasião de vêr este bello trabalho, nos poucos dias da exposição realisada em Lisboa, e, portanto, ensejo de admirar o cuidado artistico da sua execução, tão escrupuloso em todas as minucias, que não desmerece em nada do formoso pensamento da sua concepção, não poderam deixar de reconhecer as exceptionaes faculdades de Costa Motta, Sobrinho, cada dia revelando-se mais firmes e progressivas.



O grupo de Costa Motta, Sobrinho, representando as cidades de Lisboa e Porto
 Os directores do Grande Club de Lisboa que foram ao Porto apresentar aos Fenianos a maquette do grupo:
 (sentados) Tavares de Mello, conselheiro Carvalho Pessoa e Eduardo Torres:
 (de pé) Manuel Pereira Dias e Affonso Taveira



Um aspecto da estrada da Figueira a Coimbra

A idéia lançada pela *Illustração Portuguesa*, da realisação de um Raid hippico nacional, recebeu desde que foi annunciada o mais lisonjeiro e favoravel acolhimento que poderiamos ter ambicionado. Sua magestade El-Rei e sua magestade a Rainha tomaram o maior interesse pela iniciativa. O governo acolheu-a e patrocinou-a. Os *sportsmen* e creadores de cavallos deram-lhe o seu applauso. De toda a parte nos acudiram pressurosamente as adhesões, e logo que a inscripção se abriu acorreram com enthusiasmo varios concorrentes. Das localidades marcadas como étapes do percurso chegam noticias do empenho posto nos respectivos preparativos. Temos, pois, justificado motivo para dizer que essa idéa nasceu n'uma hora propicia; mas convém tambem reconhecer que uma grande parte do seu successo adveiu da oportunidade de uma prova de semelhante genero, principalmente como sequencia natural das corridas de hippodromo e do concurso hippico que, com tão excellent resultado, se realisaram este anno.

Quando um cavallo se desloca, para avaliar as suas qualidades, sob o ponto de vista d'esta faculdade de movimento, emprega-se dois methodos diferentes: exige-se-lhe um esforço intenso e curto ou um trabalho regular e longo. O primeiro constitue a base de julgamento para a velocidade, o segundo fornece o criterio para a resistencia. O concurso da Tapada da Ajuda teve em conta o primeiro fim. Restava, portanto, executar a prova do Raid, ou marcha de resistencia que a *Illustração*

Portuguesa decidiu então promover e levar a cabo.

Para muitos afigura-se ainda que o proximo Raid será apenas uma manifestação sportiva, como supõem egualmente não passarem d'isso as corridas de velocidade, os saltos de obstaculos e outras provas. Não é assim, e o nosso pensamento visou a mais elevados e proveitosos intuitos organisando uma marcha de resistencia de cerca de 1:400 kilometros a fazer dentro de trinta e cinco dias. Como dissemos já, trata-se de vêr na pratica e no trabalho quaes os melhores sangues de cavallos, e de passar com o Raid pelos principaes centros de produção cavallar, a fim de que os productores possam com os seus olhos, á porta de suas casas, sobre os seus prados e ao lado dos seus productos, julgar e avaliar do cavallo em acção e d'ahi tirar lição, ensinamento e

guia para a orientação da sua coudelaria.

N'este periodo em que as raças cavallares se encontram em Portugal na mais absoluta decadencia, e em que a criação hippica está sendo lamentavelmente descurada, sendo, por esse motivo, necessario fazer anualmente uma enorme e valiosa importação de cavallos para todos os serviços, o interesse e o beneficio d'aqui resultantes facilmente se attingem.

A influencia que a prova que vai realizar-se

não pode deixar de ter, no sentido do desenvolvimento e do apuramento da nossa produção hippica, justifica, pois, os esforços que empregamos para a levar a effeito, e será a melhor demonstração de que não obedecemos, emprehendendo-a, a um fim



O automovel da Sociedade Portuguesa que fez o percurso das étapes do Raid, com o delegado da *Illustração*



Enchendo uma câmara de ar

meramente sportivo ou apenas superficial.

Nem todos os paizes são proprios para a criação do cavallo; mas ha poucos que tão convenientes sejam para essa industria como o nosso, e sob o clima temperado com que a natureza generosamente nos favoreceu, sobre o solo por quasi toda a parte fertilissimo, nas extensas campinas vicejantes que possuímos, temos até a faculdade de escolher para produzir typos diversos e aperfeiçoados. O que é preciso é despertar o gosto por essa exploração rural e desenvolver o conhecimento das suas condições. De mais, como ainda ha pouco escrevemos aqui, quando descrevemos a coudearia modelo do sr. Palha Blanco, quem não ama o cavallo não deve creal-o, sendo por isso, como então lembrámos tambem, que os francezes nunca deixam em materia hippica de repetir o seu conhecido proverbio: *tant vaut l'homme et tant vaut la chose*. Não temos duvida em repetir-nos, n'este ponto, pela utilidade de fixar bem uma doutrina que precisa inevitavelmente constituir o principio basillar de todas as tentativas industriaes de criação e educação cavallar. Quem não ama o cavallo não deve creal-o. Não havia, para isso, terreno menos apropriado do que aquelle que foi o berço do admiravel cavallo que é o oriental. E comtudo não foi a hervagem que o creou; foi o gosto e o disvello ancestral do arabe, que o fez nascer e o educou ao lado da sua tenda, partilhando com elle a sua propria ração, tratando-o sempre como a um amigo preferido, quasi como a um irmão. E' com

razão que se tem dito que o cavallo fórma com o arabe, por assim dizer, uma e a mesma pessoa, como o camello e o seu beduino.

O cavallo mais facil de produzir é o de trabalho, cuja criação e educação comporta menos despesas e riscos, e cuja venda, pelo seu mais largo emprego, se torna mais segura. Além d'isso, conforme o modo de ver de alguns technicos, entre os quaes o general Langlois, se o exercito reclama animaes de sella destinados á cavallaria, necessita tambem, para a artilheria, cavallos de andadura lenta, mais capazes de esforços continuos. Consoante as circumstancias regionaes, que lhe cumpre estudar previamente, assim o lavrador deve escolher um ou outro genero para crear.

São todas estas questões, que não é aqui, evidentemente, o campo adequado para tratar com maior desenvolvimento, que o proximo Raid vem trazer á discussão, e esse será o proveito indiscutivel e inegavel do seu resultado pratico. A nossa iniciativa representa, pois, n'este ponto de vista, uma real obra patriótica, uma tentativa de comprehensiva utilidade economica.

Não podemos reccar já hoje d'ella. A sorte da idéa que a *Illustração Portuguesa* lançou está absolutamente assegurada. A prova hippica que vae realizar-se, não só será bastante concorrida, como o garante a lista das inscripções já realizadas, e que cada dia é acrescida por nomes novos, como tambem,



Vista geral de Montemor-o-Velho

pela importante cooperação das commissões locais organisadas em todas as *étapes* do percurso, promette revestir um caracter brilhante e festival.

E' de prever que a paragem para descanso dos cavalleiros e dos cavallos nas localidades determinadas para esse fim, que são os que constituem as *étapes* do percurso, importará para taes localidades um interesse peticular, pelo movimento excepcional que fatalmente ha de determinar, não só resultante da propria passagem do Raid, como tambem do concurso de forasteiros, que não deixarão por certo de acudir, convidados pela natural curiosidade de assistir a um espectáculo novo e interessante como esse não pode deixar de ser.

Assim o comprehendem as diversas terras designadas para esse fim, que se apressaram a formar as suas commissões locais, e estas em offerecer premios e medalhas de ouro aos vencedores e em promover festejos diversos para celebrar a passagem por ellas dos cavalleiros. Foi para se entender directamente com essas commissões sobre diversos pontos em que convinha estabelecer accordo com a Grande Commissão do Raid, e harmonisar a fórma



Na estrada de Coimbra á Figueira

da fiscalização das chegadas e partidas dos concorrentes, que a *Illustração Portuguesa* mandou ultimamente um delegado seu percorrer todas as *etapes* fazendo esse largo trajecto de automovel.

Quem puzer diante dos olhos um mappa corographico do paiz e seguir n'elle a linha do percurso do Raid facilmente avaliará a extensão da viagem e poderá, do mesmo modo, apreciar a importancia da prova hippica que vae realisar-se. Com excepção das duas provincias extremas do Minho e do Algarve, todo o norte e centro serão percorridos pelos campeões do Raid e as suas cidades e villas mais importantes, escolhidas para *etapes*, foram visitadas agora pelo delegado da *Illustração Portuguesa* encarregado de combinar com as respectivas commissões locais a organização definitiva dos seus trabalhos.

Sahindo de Lisboa, ponto de partida, a primeira *etape* que se encontra é naturalmente a de Torres. Segue-se as Caldas e Leiria. E, sahindo da Estremadura para entrar no Douro começa-se pela paragem da Figueira, a que seguem as de Coimbra, Aveiro, Porto e Penafiel. Em Traz-os-Montes a unica *etape* é a de Villa Real. Nas Beiras ha cinco: Lamego e Vizeu na Beira Alta, e Guarda, Covilhã e Castello Branco, na Beira Baixa. D'ahi o percurso entra no Alemtejo por Portalegre, seguindo por Elvas, Estremoz, Villa Viçosa, Evora e Vendas Novas. De novo se entra na Estremadura, fazendo um colchete, para ir a Coruche, á Chamusca e a Abrantes, descendo depois pela Gollégã, Santarem

e Castanheira até ao ponto da chegada em Lisboa.

Algumas das estradas são lindas e pittorescas, offerecendo os mais attrahentes espectaculos de paisagem e admiraveis perspectivas. Sob este ponto de vista não pôdem ter razão de queixa os concorrentes do Raid. A sua viagem a cavallo atravez metade

do paiz, assumirá d'esta maneira todo o encanto de um passeio verdadeiramente delicioso. Pelas descripções, que a *Illustração* tem feito, em artigos successivos, de algumas das *etapes*, acompanhando-as sempre de numerosas photographias, os nossos leitores receberam já uma idéa da importancia dos logares em que ellas foram estabelecidas e das curiosidades naturaes e historicas que todas offerecem aos forasteiros. Os caminhos, entre *etape* e *etape*, bellos e radiosos camin-

hos, por toda a parte, os caminhos de Portugal, que tantas vezes desdenhamos injustamente para ir correr as estradas bem menos formosas do estrangeiro, e até despoetizadas pela sua grande concorrencia cosmopolita.

Estes trinta e cinco dias de jornada a cavallo pelas estradadas da nossa terra, que a prova hippica representa, dariam mesmo um gracioso e suggestivo livro cheio de intensa originalidade e de vivo interesse, se porventura se lembrasse de escrevel-o, com a frescura das impressões recebidas, qualquer dos illustres concorrentes do Raid. Quem sabe, até, se não estaremos escrevendo isto, a preadivinhar a lembrança que terá já nascido no espirito de algum d'elles?



Um descanso



Outro aspecto da estrada de Coimbra á Figueira

(CLICHÉS DE BENOLIEL)



Club Naval Infante D. Manuel, União Velocipedica Portuguesa, Velo-Club de Lisboa, Liga Naval Portuguesa, Atheneu Commercial, Club Mario Duarte d'Aveiro, alem, bem entendido, do Real Gymnasio Club.

Todas ou quasi todas as restantes associações do paiz adheriram da forma mais calorosa á idéa e, justificando os motivos por que não enviaram delegados, puzeram a sua boa vontade e os seus serviços ao dispôr da causa que a grande comissão defende.

DESAFIO NATAÇÃO

Por iniciativa do Real Gymnasio Club Portuguez, — associação de tão gloriosas tradições — formou-se no começo d'este anno em Lisboa uma commissão composta de representantes das principaes aggre-



O grupo aos concorrentes—Atirando-se á agua—Ao centro o sr. Wright, vencedor, á esquerda o sr. Tail e á direita o sr. Villares

Effectuadas as primeiras reuniões preparatorias, assentou-se n'um plano que deve levar longos annos a pôr em pratica, mas que, uma vez executado, deve ter chamado para o cultivo da natação grande numero de adeptos.

Esse plano consiste em induzir os Clubs do paiz a crear escolas de natação para os seus socios, os quaes

miações sportivas do paiz, com o fim de estudar e propagar o desenvolvimento da natação, não já em Lisboa mas em todo o paiz.

E assim estão ligadas para este fim commum a Real Associação Naval, Real Club Naval, Club Naval Madeirense, Real Velo-Club do Porto, Club dos Aspirantes de Marinha, União dos Atiradores Civis Portuguezes, Centro Nacional de Esgrima, Real

todos os annos terão que se bater em varios concursos de natação uns com os outros; fundar em varios districtos verdadeiros campeonatos locais a que só possam concorrer os socios dos Clubs que tenham sede no districto e que residam adentro do mesmo districto, e por fim crear em diversos pontos do paiz, nos mais adequados, grandes provas de natação, abertas aos nadadores de todo o paiz.

em que o título a disputar fosse o de campeão de Portugal, para cada categoria.

Não se resume a isto só — que já é muito e que levará muito tempo, annos e annos, a conseguir ver realiado — o plano da grande commissão de natação. Uma das suas idéas é procurar fazer interessar a popula-



que possam inscrever-se os nadadores da nossa costa, onde os ha ageis e resistentes, suggerir ao ministerio da guerra e ao da marinha a fundação de provas de natação exclusivamente destinadas aos soldados e aos marinheiros, etc.

Em obediencia a este plano realisaram-se simultaneamente no mesmo mez em Lisboa e

ção escolar do paiz nas provas de natação, ou a promover a edificação de piscinas nas quaes os exercicios de natação se podem fazer todo o anno, fazer grandes concursos annuaes com premios pecuniarios em



no Porto os campeonatos locais de 100 e 500 metros. As nossas gravuras dão aspectos do campeonato do Porto, effectuado perante numerosa assistencia.

E' uma obra patriotica esta que a grande commissão emprehendeu e que oxalá vejamos corbada do melhor exito.

EM LOURENÇO MARQUES VIAGEM DE S. A. O PRINCIPE REAL



A *Ilustração Portuguesa* publicou já em um dos seus numeros antecedentes uma curiosa serie de photographias tiradas em Lourenço Marques por occasião da recente visita do Principe Real. A nova serie de photographias, que inserimos hoje, serve, pois, para completar a respectiva informação graphica, dando ambas uma idea do que foi a recepção ali feita a Sua Alteza.

Não deve admirar o enthusiasmo, nem a brilhante impo-



S. A. o Principe Real atravessando com a sua comitiva o arco de triumpho na Avenida Teixeira de Souza — Chegada do Africa a Lourenço Marques — S. A. R. saindo da egreja parochial onde teve logar o Te-Deum no dia da chegada a Lourenço Marques — S. A. o Principe Real tendo á direita o sr. ministro da marinha e o sr. tenente Abreu da administração militar e á esquerda o sr. capitão Aguiar, ex-governador de Lourenço Marques, o sr. tenente Praça e o sr. alferes Abobora. Exceptuando S. A. R. todos estiveram no combate de Marracuene, e a photographia foi tirada no mesmo local onde está a respectiva memoria

cepção. Lourenço Marques é uma cidade moderna e rica, um importante emporio commercial, devido ás condições admiráveis do seu magnifico porto; tem progredido com uma grande rapidez e adquirido nos ultimos annos o mais florescente desenvolvimento. Dispõe, por isso, de largos recursos de toda a ordem, e os que lá mourejam pela vida, longe da patria metropolitana, experimentam, por uma regra natural, mais vivo o sentimento de affecto por ella e como que mais preso o seu



Commissão directora dos festejos em honra de S. A. o Principe Real: (sentados) sr. Lisboa de Lima, dr. Serrão (presidente) e Henrique Costa, (de pé) capitão David Rodrigues e o 2.º secretario da grande commissão, o secretario da commissão directora, sr. J. F. Ferreira. Faltam o sr. capitão Baptista Coelho, chefe do Estado Maior da provincia.

oração no laço nacional. O sr. D. Luiz Philippe, herdeiro da corôa, symbolisava, para todos que o receberam tão festivamente, o futuro de Portugal, em que o proprio exemplo de fructificação da sua obra colonial os faz acreditar com a mais firme e convicta esperanza, que a todos nós esperamos, aliás, se ha de transformar effectivamente n'uma lisongeira realidade.

A visita do Principe Real ás



Embarque de S. A. R. para o norte—Dr. Antonio de Souza Ribeiro que ficou governando a provincia durante a ausencia do sr. Governador Geral —Um grupo de creanças dirigindo-se para a festa infantil no Gremio Militar



Sede do Gremio Militar onde se realizou o almoço oferecido a S. A. R.—Garden-Party no Gremio de Lourenço Marques
—Entrada para o salão dos Chinsas onde teve lugar a recepção do Principe Real—Garden-Party na residencia do Governo Geral
—Sala onde teve lugar o baile da Associação Commercial em honra do Principe Real

nossas terras do ultramar, que guardam no seu seio uberrimo e fertil as melhores e mais certas promessas d'esse futuro, parecer-lhe-hia, além d'isso, constituir o penhor solido de um inevitavel renascimento colonial. A nossa moderna tarefa colonisadora em Africa, vista á luz de uma critica desapaixonada, e comparada até com a de outras nações mais poderosas e melhor providas de



Em mais favoráveis condições, bem poucos teem feito tanto como nós. E, contudo, é certo que, se não fosse o conhecimento incompleto, que ainda existe geralmente, da valia real das nossas riquezas ultramarinas, se os que legislam tantas vezes levanamente para a Africa portugueza soubessem melhor o que ella é na realidade e o que d'ella se pôde fazer, muito mais brilhante se-



*S. A. R. e comitiva descendo da tribuna de onde assistiu ao batuque de 18.000 pretos
—Batuque-revisita dos indigenas passando em frente de S. A. R.*

elementos apropriados, ainda é digna,—o contestal-o representaria uma flagrante injustiça,—de ser apontada como um testemunho eloquente e incontestavel das aptidões e da energia nacionaes.

ria hoje já a nossa situação colonial. O herdeiro do throno, que é um moço talentoso e reflectido, e sinceramente amigo do seu paiz, segundo dizem os que d'elle teem tido occasião de approximar-se, teve ensejo de vêr agora, pelos



Batuque de pretos: musicos tocando marimbas



seus olhos, Angola lutando com dificuldades para reagir contra a crise que a afecta, e Moçambique caminhando rapidamente na estrada do progresso. O seu espirito não pôde ter deixado de ponderar, portanto, as necessidades d'essas duas diversas situações, que directamente appreciou, e é essa esperança que essencialmente se traduzia na alegria festiva com que o sr. D. Luiz Filipe foi acolhido em todas as partes do territorio portuguez em que desembarcou, e sobretudo em Lourenço Marques.

Escusado se torna re-

petir aqui o relato, que foi feito pelos jornaes noticiosos em largas correspondencias e telegrammas, do que foram as festas realizadas n'aquella cidade, e melhor do que todas as descripções d'ellas falam e mostram o seu brilhantismo as photographias que reproduzimos.

Um dos mais curiosos e interessantes episodios da recepção de Lourenço Marques foi sem duvida a revista dos indigenas, que se juntaram na cidade em tão grande numero e desfilaram defronte da tribuna do Principe, e o batuque que se seguiu.



- Rua D. Luiz
- Avenida Teixeira de Souza
- Rua Araújo
- Avenida Aguiar
- Cerimonia do lançamento da pedra fundamental para o Palácio da cidade
- Arco de triumpho no topo da avenida Aguiar
- Projecto do Palácio da cidade feito pelo architecto Mario da Veiga
- Largo da feira franca
- Avenida D. Carlos
- Arco da Associação Commercial
- Praça Mouzinho d'Albuquerque

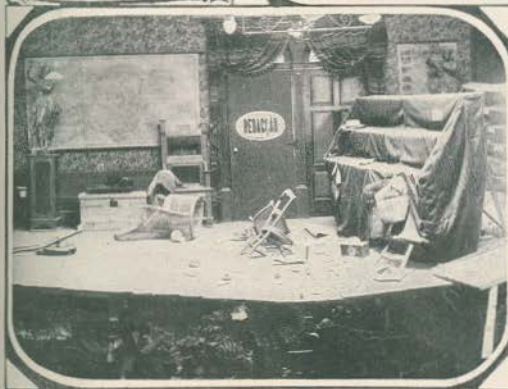


A CATASTROPHE DO PORTO NO "JORNAL DE NOTÍCIAS"

nha sido de molde a justificar esse movimento de dôr e de piedade.

De mais, foi no meio de uma festa, para que todos tinham corrido cheios de satisfação, que surgiu seme-

A catastrophe occorrida no Porto, e que custou a vida a dez pessoas, deixando outras numerosas feridas mais ou menos gravemente, commoveu fundo a alma nacional. Não são, felizmente, vulgares os desastres d'esta natureza entre nós, e por isso, quando algum occorre, o nosso sentimento alarma-se naturalmente. Foi o que succedeu agora, e não pôde dizer-se também que o horror da catastrophe não te-



A fachada do Jornal de Noticias para a rua de D. Pedro—Sala da redacção: lado que abateu—Sala da redacção: a parte que resistiu

lhante tristeza, e o contraste, como succede sempre, ainda mais impressionou. A morte implacável appareceu a interromper a alegria, com a mais desoladora crueldade, e tão avida parece que acudiu que multiplicou as suas victimas. Por isso, o Porto ficou enlutado, e todo o paiz sentiu o pavor de tal desgraça.

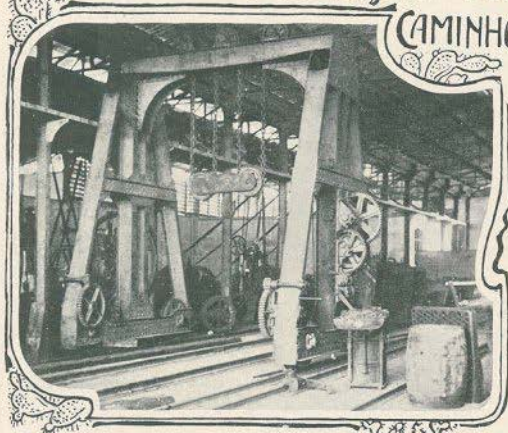
Ao nosso collega do *Jornal de Noticias* enviamos, como á capital do norte, a expressão do nosso sincero pesar, que é commum e unanime no paiz, que, de um a outro extremo, experimentou a mesma dolorosa sensação de amargura.



A PENETRAÇÃO DA AFRICA

CAMINHO DE FERRO DE

AMBACA



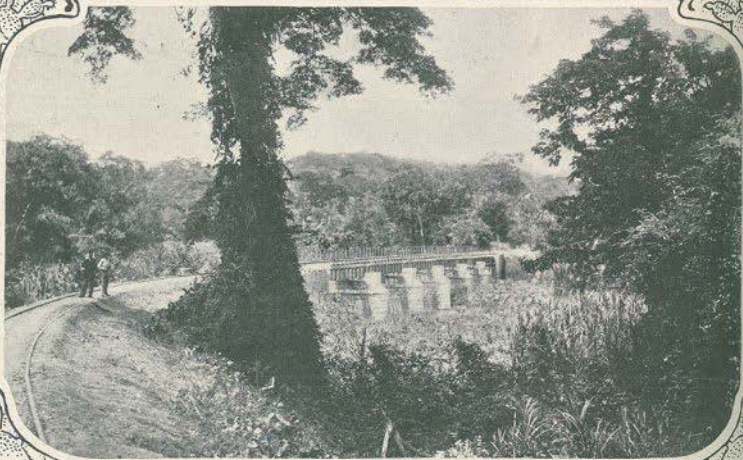
PARA fazermos uma visita á linha, vamos tomar o comboio á estação da cidade-alta, que é onde afflue a maioria dos passageiros.

Lá nos fica á direita a cidade destacan-

O comboio vai subindo lentamente dentro de trincheiras de barro avermelhado até que eis-nos em cima em pleno *Muceque*, avistando-se casas de campo, o sanatório e as culturas da mandioca, feijão e abobora. Abundam as cassoneiras, erguem-se os esguios candelabros, verdejam os cajueiros, e já nos apparece o colossal *imbondeiro*, carrancudo pachiderme do reino vegetal.

Em seguida desce-se rapidamente para o Cacuaco, estação á beiramar, cuja agradável briza nos báfejá. É um centro industrial, de salinas, de pedreiras, de fornos de cal e de irrigações agrícolas. Os barcos para a exportação do sal encostam á ponte-caes; são alegres as casilas dos pretos trabalhadores, que—era domingo—se entretinham n'um batuque, cujos monotonos sons nos chegavam.

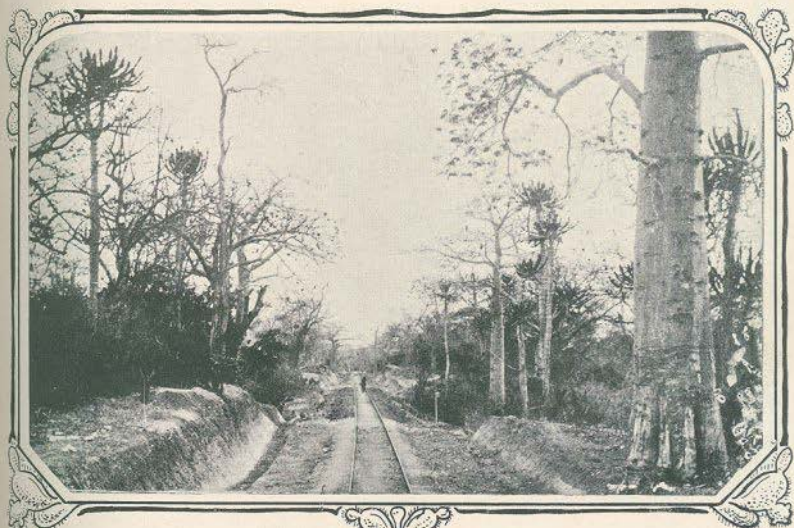
Vamos seguindo em terreno arenoso, arimado pela direita a encostas argilo-calcareas



*Grua volante nas officinas
—Ponte do Luinha*

do-se o grandioso hospital Maria Pia bem como a casa rodeada de varandas do director do caminho de ferro.

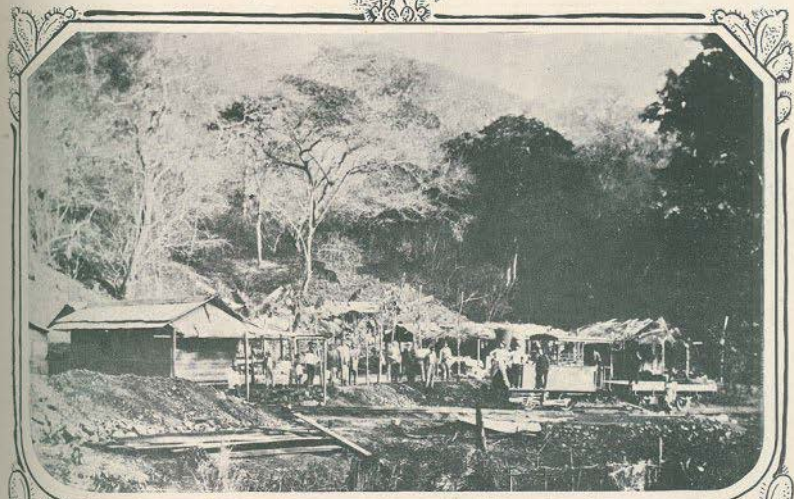
das collinas, para o Bengo, que se accusa á esquerda pelos palmares, mafumeiras e bananeiras. E, em-



quanto a locomotiva toma agua na estação de Quifangondo, damos um salto para vêr as installações da companhia das aguas de Loanda, cujas possantes machinas elevam a agua do Bengo, depois de decantada e filtrada.

mentação pecuaria da cidade, e bem perto as lagoas, bordadas de palmeiras e derivadas do rio.

Junto d'este fica a estação de Cabiri. Depois a linha vae seguindo sem difficuldade



Troço da linha ao kilometro 143
— Acompanhamento durante a construção

E de novo a caminho avistavamos as plantações de canna, as planicies de capim, que serve á ali-

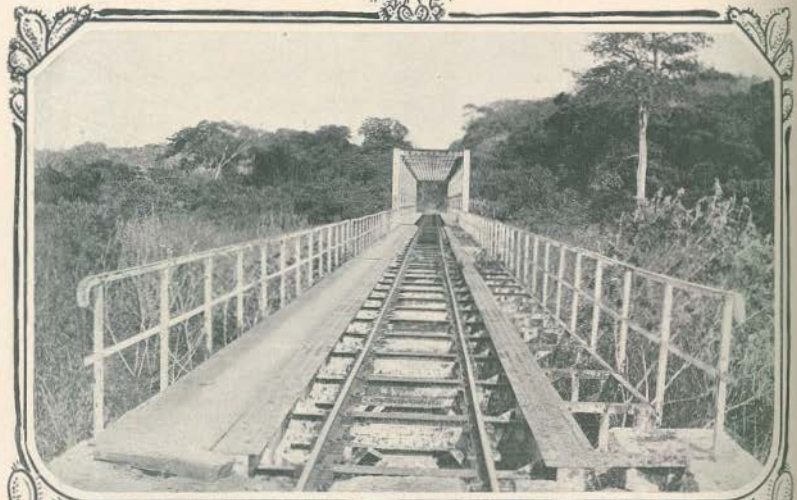
para o dorso entre o Bengo e o Quanza, que alveja á direita, destacando-se ao longe algumas fa-



zendas e povoados. Mais perto vêem-se sanzalas dos pretos, mas parece que sopra o vento quente do deserto, que só poupa o imbondeiro disforme e pezado, e os poucos algodoeiros arbóreos.

cuja margem a linha attinge na estação de Cunga, onde desembarca um arrojado grupo de caçadores de hipopótamos.

O terreno vai subindo lentamente para a montanha; apparece arvoredos (sudaia, mualo



— O mesmo viaducto em curva e rampa
— Ponte do Luinha

Almoçamos em Catete, já próximo da lagôa de Cabamba, pertencente á hydrographia do Quanza,

e silveira), que tem sido applicado em travessas; mais adiante ha exploração de pedreiras.



Em Zenza do Itombe, n'uma região de granito cretácico, pondings, e calhaos rodados, encontra-se, a 2 kilometros da estação, um jazigo de malachite e azurite (minério de cobre) infelizmente por explorar.

A linha vae descendo para o Lucalla; a arborisação amedua-se; um grupo de bois-pacaças foge da locomotiva; um bando de galinhas do matto (guinés) contempla-nos pacificamente.

Pernoitámos em Cassoalella, onde a companhia construiu um hotel, e ao jantar saboreámos bifes de pacaça.

De manhã cedo chegámos á estação de Oeiras mergulhada entre montanhas e florestas. A' direita corre volumoso o Lucalla. As mafumeiras e outra vegetação cerrada escurecem a paisagem. Aquelle nome recorda-nos o ministro de D. José, cuja iniciativa ali chegou, sendo attestada pelas ruínas dos altos fornos para a exploração do ferro, e d'um açude para receptor da energia hydraulica do Luinha, afluente do Lucalla.

A ponte do Luinha, que atravessamos breve, compõe-se de varios tramos, sendo um de cincoenta metros, que veio substituir outros derrubados pelas cheias.

A linha segue a meia encosta, cortando trincheiras abruptas e sobre precipícios. Ao kilometro 237 entra no valle do Sumbi, afluente do Luinha, que á esquerda se precipita nas cachoeiras. Entre o arvoredo destaca-se a tacila, de madeira apreciadissima.

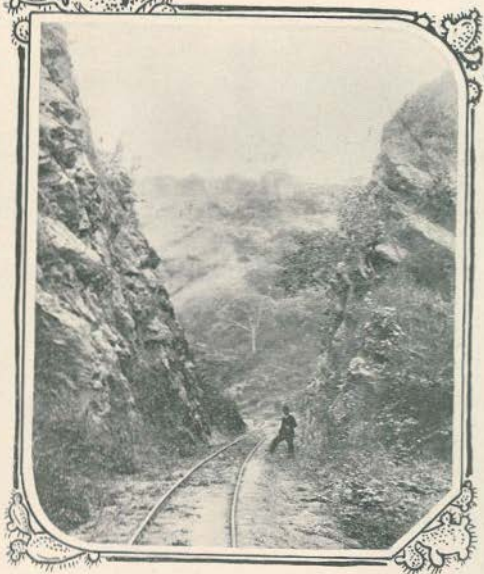
A directriz vae cortando trincheiras na montanha, em zona pedregosa e deserta; só os pretos guardas da via apparecem e esses mesmos com aspecto de vencidos da vida.

De Dalla-Quizanga, onde a larangeira floresce, á estação de Luinha o trajecto é curto. E cá estamos outra vez n'uma das margens alcantiladas d'aquelle rio, acompanhando-o nos seus contornos e ouvindo-o murmurar em baixo. A vegetação é exuberante,—as esbeltas mafumeiras com os seus pennachos de suma-uma, entrelaçadas de lianas do genero landolphia, e matizadas de laurantis de diversas cores, as tacilas (ou muangues), as apreciadissimas quibabas (Swietonia) e os mattagaes de cafezeiros.

Entra-se no Luce, depois passa-se na Canhoca, centro importante da companhia agricola do Cazengo e ponto de partida para a rica região do Golungo Alto. Ao lado passa uma caudalosa levada: as palmeiras, as bananeiras, as arvores de grande porte, o café, os exemplares de cacau formam um formoso parque difficil de imaginar, impossivel de descrever.

E o espectáculo ainda é, se possivel, mais maravilhado ao entrar no Valle do Zondo, cujas ravinas secundarias são galgadas por dez formosos viaductos metalllicos em rampa, e alguns tambem em curva.

A linha vae descendo para Ambaca, ca-



Trincheira do Bico
— Trincheira do Zombo



beça da comarca e de concelho, antigo núcleo dos ambaquistas, heróis do sertão. Nos degraus do caes sentava-se um velho soba, abandonado dos seus, se não perseguido, que viera buscar protecção á bandeira portugueza; a

Pelas tres horas da tarde chegavamos ao terminus da linha, na margem direita do Lucalla, que já encontráramos em Oeiras. A paisagem era mais arida que coberta de vegetação.



*Um viaducto no Valle do Zombo
—Ponte do Luinha*

poucos passos trotavam cavalleiros alegres e despreocupados, sobre bois cavallos.

Talvez fosse a recordação do valle do Zondo que nos deu essa impressão.



A ponte de 100 metros construída pelo governo sobre o Lucalla liga a linha com a de Malange, de que o Príncipe Real inaugurou agora a exploração dos primeiros 85 kilometros até Matete.

kilometros, que foram construídos pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro através d'Africa, que os explora.

A exploração do 1.º troço de Loanda a Lunda (46 kilometros) começou em 1 de



Ponte sobre o Lucalla para via ferrea e viação ordinaria, origem da linha de Malange—Officinas do caminho de ferro de Ambaca na estação principal de Loanda

Sua Alteza o Príncipe Real percorreu tambem a linha de Loanda a Ambaca cuja extensão é de 364

novembro de 1888, e a exploração da linha completa em setembro de 1890.

VIATURAS MILITARES



PELO actual ministro da guerra foram mandadas construir, na fabrica de armas, diversas viaturas destinadas á mobilisação da 4.ª divisão militar, e cujos modelos foram estudados por uma comissão especial. A construcção seguiu quasi parallelamente, conseguindo terminar-se o fabrico no fim do mez passado, devido aos esforços empregados pelo director d'aquelle estabelecimento e demais pessoal tecnico.

As novas viaturas foram experimentadas n'um percurso de 100 kilometros, realisado por terrenos variados, nos arredores de Lisboa, estradas, caminhos carreteiros, pedregosos e de difficil accesso,



Carro d' ferramenta de esquadrão com uma parrelha de tronco para guiar á boleia
 — Carro de bagagem e viveres para as formações sanitarias com duas parrelhas, uma de tronco para guiar da almofada e uma sola — Carro para transporte de pessoal com uma parrelha de tronco para guiar da almofada



Carro de ferramenta de batalhão com uma parêlha de tronco para guiar da almofada com albardão

—Carro de companhia com uma parêlha d alemiejana

—Carro para transporte de pão com duas parêlhas, uma de tronco para guiar da almofada e uma sola

dando resultados completamente satisfatórios. Conjunctamente estudaram-se os respectivos arreios, tendo-se feito o confronto entre o arreo á alemtejana e os arreios á valenciana e americana para as viaturas de duas rodas, sendo dada a preferencia ao typo nacional, que fatiga menos o gado, apresentando ainda outras vantagens.

Os carros são elegantes, conforme mostram as nossas photographias, e de solida construcção e excellente acabamentoo, o que muito honra o pessoal da fabrica d'armas.



Carro de esquadrão com tres parelhas, uma de tronco para guiar da almofada e duas solas
—Carro da carne com uma parelha á alemtejana—Carro do correto
com uma parelha á alemtejana

MEMÓRIAS DO Chefe Jacob

(CONTINUADO DO N.º 84)

O ÚLTIMO ACTO DO DRAMA POLICIAL UM MAGNETISADOR DE CRIMINOSOS O FIM DAS MEMÓRIAS DE JACOB

Logo ao romper da manhã acordaram-me.

—O que é?!—exclamei sobresaltado, vendo o sol a entrar, ainda muito pallido, pela janella que ficava entreaberta.

Annunciaram que uma mulher me queria falar, que vinha acompanhada por um homem e que já estavam na saleta.

Ergui-me d'um salto—n'esta vida de policia temos ás vezes sobresaltos horribes—vesti-me á pressa; entrei na casa e fiquei deveras espantado.

Que via eu, meu Deus?! Que queria aquillo dizer!

Na minha frente a mulher do *Gallinhola*, aquella que eu soccorrera, estava pallida, agarrava o braço d'um homem, que eu não conhecia, e ambos calados fixavam-me.

Elle era um rapaz delgado e alto, a cara chupada, os olhos encovados, vestido como um maltez; as suas mãos tremiam ao ouvir a mulher titubear:

—Anda, fala!...

Falou. E o que elle disse, meu Deus! O que elle disse!

—Senhor Jacob... Sei que o senhor deu de comer á minha mulher e ao meu filho, que lhes fez bem... Aqui estou, prenda-me!...

Fiquei pasmado deante d'aquelle homem. No primeiro momento os meus olhos recusaram-se a acreditar no que via; julguei que continuava ainda com o pezadello que me alcançara durante a noite, com o sobresalto em que andava por causa d'elle e não queria pensar no que se estava passando ali na minha frente, na salita modesta da minha casa.

Passava a olhar a mulher com a creança ao collo e logo o homem que acabava d'proferir aquellas palavras. No meu cerebro travava-se uma luta e elle parecia apenas esperar que eu estendesse a mão para lhe agarrar o braço e assim o conduzir até a prisão.

Estava de cabeça baixa, revolvía o chapéu entre as mãos. Ouvia-se na casa apenas o bater monotonico da pendula do relógio e eu não me atrevia a tomar uma resolução; pensava extranhamente no que succedera.

Aquelle homem rude que passára a sua vida no trabalho, que andára sempre debaixo da canga como um escravo e que n'uma hora de odio matára um companheiro admirava-me com aquella sua delicadeza, com aquelle seu amor pela familia, a dizer-me

as palavras que não podia esquecer, que cantavam ainda e para sempre no meu ouvido:

—Senhor Jacob... Sei que o senhor deu de comer á minha mulher e ao meu filho, que lhes fez bem... Aqui estou, prenda-me!...

Olhei-o mais uma vez e vi então bem a realidade.

Era o *Gallinhola* que assim se vinha entregar a minha casa, por aquella manhã de sol, aconselhado talvez pela mulher, que com o filho ao collo—aquelle gaiatello louro que me impressionára—lhe dizia:

—Sim, homem... O sr. Jacob foi o nosso protector!

Agora esse protector, esse homem que só lhes fizera bem, transformava-se no policia, no individuo que tinha o dever de lançar a mão áquelle criminoso e levá-lo para um calabouço, d'ali para o tribunal, depois para a Africa...

Tomei então a resolução a que não podia eximir-me.

Falei-lhe; não sei o que lhe disse. Parece que me acudiram á bocca conselhos; parece que lhe falei

no degredo, dizendo-lhe que por lá ainda podia ser feliz. Aquelle homem que se me entregava causava-me uma extranha sensação.

Mas ia-se fazendo tarde. Eu ainda não almoçara; elles também não, na pressa de resolverem a sua vida. Mandeí-lhes dar de comer e a mulher umas vezes, outras elle, narraram sem escrúpulos como tinham tomado aquella deliberação.

O *Gallinhola* ia a casa pela noite velha. Eu podia-o ter prendido se fizesse cercar a casa. A mu-



Jacob fardado de policia

lher esperava o com o coração aos saltos, desesperada, e durante as horas que elle ali estava, o tempo portanto para engulir umas sopas e dar um beijo no filho, ella como uma sentinella attenta vigiava, indagava para o escuro n'aquelle deserto de Chel-las.

Assim passaram algumas noites devorados por sobresaltos, ruidos de receios até que ella lhe disse o bem que eu lhe fizera.

Parece que fôra ella quem o aconselhára a entregar-se e elle tambem não puzera grandes obstaculos. Estava farto de andar a monte, dizia. Passava dias e dias nos campos sem comer e à noite quando ia para casa todo elle era medo.

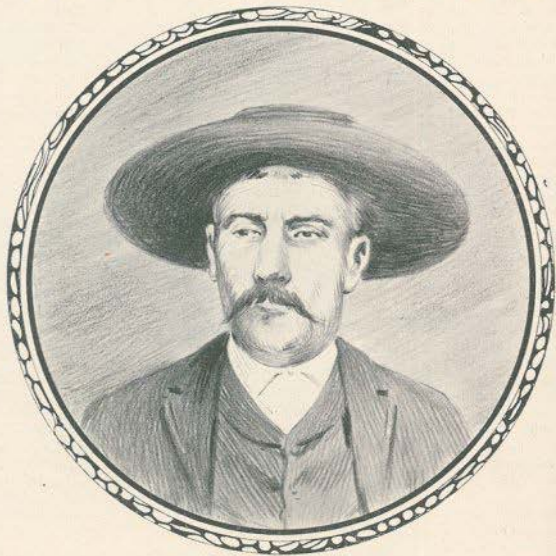
de miseria, nem os cabellos louros d'aquella creança que assim viu levar o pae a caminho do de-gredo.

Logo que chegámos á esquadra todos os meus collegas correram para vér o novo preso que eu trazia.

Era sempre assim. Elles vinham; rodeavam-me, perguntavam-me que criminoso era, não o deixavam com a vista.

O Jacob atalhou o tom grave em que falava e exclamou:

— Vê o senhor no hospital quando o lente vai vér um doente curioso com os seus alumnos?! Pois assim parecia aquillo! Queriam que lhes dissesse



O Bigode

Assim era melhor. Eu tomava conta d'elle, levava-o para a esquadra. Elle já confessára tudo. Era verdade. Matára o outro.

E então, com o seu modo mais respeitoso, exclamou:

— Quando o sr. Jacob quizer!...

Levantei-me da mesa; disse-lhe então por minha vez, amacucado, sem aquelle prazer que sempre tive em levar um preso:

— Vamos... — e parece que lhe disse que era perto. — Vamos...

Assim foi... Ao meu lado o homem seguia. Eu ia de cabeça baixa e ouvia o choro abafado da mulher e nunca mais, ouça, meu amigo — nunca mais — esqueci aquella creatura forte, sadia, encrostada

as traças de que me servira, as manhas que arranjára para lhe deitar a mão.

D'esta vez, mal os vi, avancei com maior segurança, fingi não reparar em ninguem nem ouvir um guarda que perguntava:

— Meu chefe, quem é esse?!

Entrei no gabinete do commissario para as declarações e dentro em pouco todos sabiam que era o Gallinhola e recordavam o seu crime. Eu não sahira de junto do preso contra o meu costume. Assisti ao interrogatorio com um ar aborrecido, deixei-o falar e parece ainda que o escuto a lamentar-se:

— O' senhor... Aquillo foi uma cousa que me subiu á cabeça!

Dizia aquillo como n'uma desculpa e eu acabrunhava, quedava-me para ali a lembrar-me — e olhe que sem gratidão — da forma por que elle se entregara.

Pobre homem!... Tudo porque eu fiz bem... Pobre homem!...

Jacob calou-se; ficou uns momentos na mais funda das commoções e depois, com um ar que nunca lhe vira, as mãos muito espalmadas sobre os joelhos, os olhos fixos na janella, murmurou como se falasse consigo proprio:

— Dizem que o

Diogo Alves teve uma unica pena na sua vida... Foi quando deitou do alto dos Arcos das Aguas Livres uma creancinha que foi para a morte a acenar-lhe n'um adeus da sua pequenina mão e a sorrir-lhe! Eu tambem, de todos os criminosos que preendi, o unico para que não tive alma de policia, porque o policia nunca deve lamentar a sua presa, foi para aquelle, meu amigo, foi para aquelle, talvez porque ainda vejo a mulher a agarrar-me a mão quando chegámos ao pateo da esquadra, talvez porque ainda a ouço dizer para o filhinho:

— Da um beijo ao sr. Jacob!...

Oh! não nos deixe agora para ahí...

Senti na face os labios da creança; disse não sei o que á mulher e pela primeira vez, eu Jacob da Fonseca, policia que sempre teve a alma do officio, não me atrevi a fechar a porta d'um calabouço.

Sai d'ali e disse para um guarda: — Cerra aquella porta.

Ouvi ainda o som da votta da chave e a voz da mulher:

— Tenha dô de nós... Olhe o meu pequenito!... Não sei se o olhei; sei apenas que fugi, fugi espavorido e ao chegar a casa disse para a minha companheira:

— Oh! Que vida esta de policia...

Mais tarde, muitos annos depois, já estava reformado até, fui chamado para ir interrogar o *Bigode* á cadeia de Almada; onde estava encerra o por ter morto a Miraldes.

— Seria elle?! — interroguei então, no desejo de saber o que pensava o mestre da policia ácerca do celebre criminoso.

E Jacob, com uma funda convicção, disse:

— Foi!...

Não quiz embrenhar-se em detalhes que ao seu olho arguto não escaparam decerto e continuou:

— Pois o *Bigode*, ao vêr-me, exclamou:

— Oh! o sr. Jacob... Então ainda é vivo?!... Vem para cá... Quer magnetisar-me como aos outros...

Senti um grande orgulho — continuou Jacob — ao ouvir aquelle criminoso dizer-me que eu o magnetisava. Mas logo acabrunhei ao escutar-lhe o fim da phrase:

— Sim, como fez ao *Gallinhola*!

— Ao dizer-me aquillo o criminoso parecia tirar uma desforra sem querer por-

que elle nunca soube nem talvez saberá o mal que fez depois de me ter dado um grande goso.

Evoquei aquelle drama antigo, lembrei-me que o *Bigode* fora companheiro d'elle n'aquella fabrica onde o crime se dera e vi n'aquellas palavras do homem a infamia que se pensára a meu respeito. Sim, elles queriam dizer que eu de a dinheiro á mulher para a obrigar pela gratidão a fazer entregar-se o marido, esse homem que tão facilmente poderia ter prendido.

Que os magnetisava!... Sim isso agradava-me com todos menos com o *Gallinhola*...

Jacob remoeu ainda umas phrases e concluiu:



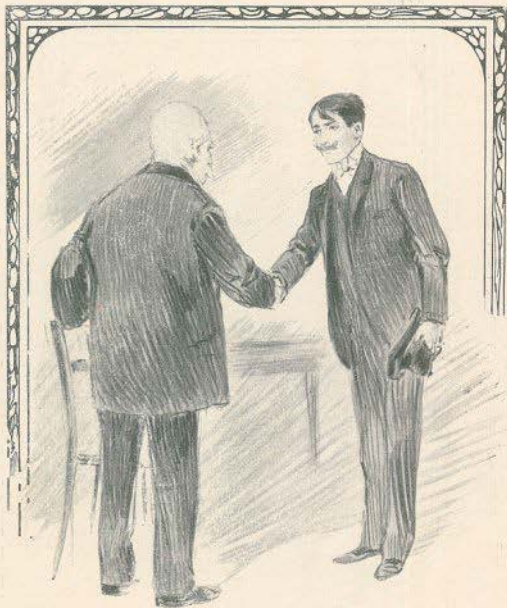
Nunca esquecerei aquella creança, nem o beijo dos seus pequeninos labios

—E o caso é que ao chegar á ponte de Cacilhas para embarcar lembrava-me, via ainda aquella mulher forte com o seu filho louro ao collo, aquelle homem preso, recordava a enorme dôr que eu tive... E só Deus sabe como eu fui desleixado n'esse caso! Só Deus!...

Passou lentamente as mãos pelos olhos e balbuciou:

—Nunca esqueerei, oh! nunca, aquella criança nem o beijo dos seus pequeninos lábios na minha

ções amadas, desterrado dos meandros da policia e sonhando com voluptuosidade nos gosos que elles lhe dariam; senti como se cavara tão funda aquella prega vertical e grossa da sua testa, como lhe viera aquelle acabrunhamento de que só sabe ao recordar as suas bellas façanhas habilidosas com o prazer vivo da saudade, que o transporta ao passado, exactamente como um velho soldado ao relembrar os combates em que entrou e nos quaes se dourou de gloria.



Apertando a minha mão n'uma despedida carinhosa...

enrugada cara onde havia — juro-lh'o — lagrimas como nunca chorei!...

—E d'ahi em deante, sr. Jacob, que pensou do seu mister?!

Pareceu transfigurar-se; ergueu-se, olhou-me bem e exclamou n'uma voz forte:

—Oh!... oh! meu amigo... Quem me dera estar ali, n'um cantinho, ainda... No Juizo d'Instrucção... Só a vel-os... Só a lidar com os criminosos!...

Ao ouvil-o manifestar esse desejo, cheio de tão extranha commoção, comprehendi o que tem sido a vida d'aquelle homem, afastado das suas occupa-

Elle disse aquillo e ainda pouderepetir mas d'esta vez, baixinho, docemente, com um vislumbre de desejo irrealisavel:

—Oh!... Descobrir mais crimes... Vel-os... Ter os criminosos na minha frente!... Só assim, meu amigo, o velho Jacob seria feliz!...

E a voz do mestre da policia abafou-se saudosa e dos seus olhos correram duas lagrimas como no dia em que sentira o beijo d'aquelle linda creança loura, o seu grande pezar, o seu enorme remorso, apertando a minha mão amiga n'uma despedida carinhosa.

ROCHA MARTINS.

FIM

UNION MARITIME E MANNHEIM
 Companhia de seguros postaes, marítimos e de
 transportes de qualquer natureza
 A companhia LA UNION Y EL FENIX ESPAÑOL, rua
 da Prata, 59, 1.º, effectua seguros sobre a vida mediante
 varias condições, inclusive o seguro denominado POPU-
 LAR para o qual não é necessario certificado medico.
 Directores em Lisboa: LIMA MAYER & C.ª
 RUA DA PRATA, 59, 1.º — LISBOA

Farinha
lactea
Nestlé
 Preço 400 réis
 36 medalhas de ouro incluindo a conferida
 na Exposição Agrícola de Lisboa

Novo diamante americano



A mais perfeita imitação até hoje conhecida. A unica
 que sem luz artificial brilha como se fosse verdadeiro
 diamante. Anéis e alfinetes a 500 rs., broches a 800 rs.,
 brincos a 1\$000 réis o par. Lindos collares de perolas
 a 1\$000 réis. Todas estas joias são em prata ou ouro
 de lei.

Rua de Santa Justa, 96 (Junto ao elevador)

Seios

Desenvolvi-
 dos, recons-
 tituídos, aformosa-
 dos, fortificados
 as
Pilulas Orientaes

O unico producto que
 em dois mezes assegura o desenvolvi-
 mento e a firmeza do peito sem
 causar damno algum á saude. Aprovei-
 tado pelas notabilidades medicas.

J. Rollé, Ph. S., Passage Ver-
 duno, PARIS. Frasco com instruc-
 ções, 1\$500 rs. Franco para vale
 de correio, enviado a J. P. Bastos
 & C., 39, R. Augusta, LISBOA

Companhia do

Papel do Prado

Installadas para uma produc-
 ção annual de cinco milhões
 de kilos de papel e dispondo
 dos machinismos mais aperfei-
 çoados para a sua industria.

Tem em deposito grande variedade de papels de escripta, de impressão
 e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabrica-
 ções especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou
 redonda e de forma

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manuel, 51



Endor. telegraphicos: LISBOA, COMPANHIA PRADO
 PRADO — PORTO — LISBOA Numero telephonico: 508

Só não tem cabelo nem barba quem quer!!!

Remette-se com toda a discreção

huita gente, velha e nova, em
 todo o mundo, deve-nos a barba
 bonita e o cabelo abundante.
 Temna levado com o nosso
Mootoy a felicidade e milhares
 de pessoas. Um grande Im-
 perador recorreu a nós pe-
 dindo e nosso auxilio e não
 recorreu de balde!

fructos notaveis
 e não notaveis,
 todos nos teem
 rido pedir o nos-
 so concurso. Em
 todos os paizes
 da Europa e Ame-
 rica, em muitos lo-
 gares da Africa e
 da Australia é o
 nosso **Mootoy**

conhecido e apreciado. Póde-se
 por isso dizer, com verda-
 de, que goza de fama uni-
 versal.
 O preço para o **Mootoy** é de
 2\$545 réis por porção (uma
 porção chega perfeitamen-
 te). O pedido de 3 porções,

MOOTOY DEPOT Dittmar Koelster, 3, Hamburgo, 133
 O maior e mais importante estabelecimento da especialidade na Europa

Fazemos nascer
 cabelo aos calvos e barba
 aos sem ella em 20 a 24 dias.
 Garante-se que não é nocivo.

uma para a barba e outra para
 o caello, tem o preço especial
 de 4\$420 réis.

Com cada porção vae um cer-
 tificado de garantia, pelo qual
 nos obrigamos a dar outra vez
 o dinheiro recebido, se o reme-
 dio não der resultado algum.

Se isto não for verdade
 pagamos ao comprador
 300\$000 (tre-
 zentos mil rs.).
 Para prevenção
 contra as imita-
 ções e falsos re-
 medios fazemos
 notar que todos os
 pacotes teem es-
 crita a palavra
Mootoy.

Envia-se diaria-
 mente para todas as partes,
 mesmo para as mais afastadas,
 com a explicação clara da ma-
 neira de ser usado e com o
 certificado de garantia, em por-
 tuguez, contra pagamento adean-
 tado ou pagamento pelo cor-
 reio no acto da entrega.



Discos Simplex de double face, os
 melhores pela sua
 nitidez e duração contendo o
 mais VARIADO E MO-
 Derno REPATORIO

em musica e canto dos
 melhores auctores NA-
 CIONALES E EXTRAN-
 GEIROS. Marca regis-
 tada, propriedade exclu-
 siva de J. Cas-
 tello Branco.

Preços excepção-
 nales e grandes des-
 contos para a ven-
 da no Brazil e co-
 lonias portuguezas.

Grande deposito de discos e ma-
 chinas fallantes. PEDIR
 CATALOGOS a

J. Castello Branco
 Rua de Santo Antão, 32, 34 e 82 — LISBOA

Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes

AVISO AO PUBLICO

No dia 1 de Setembro de 1907 será posta em
 vigor a tarifa especial n.º 22 de grande
 velocidade — Bilhetes de identidade para
 viagens a meio preço em todas as linhas
 d'esta Companhia.

Para mais esclarecimentos podem os interessados consultar a
 tarifa affixada nos logares do costume ou obter-a por compra
 nas estações d'esta Companhia Real.

Lisboa, 1 de Agosto de 1907.

O Director Geral da Companhia, A. Leproux.

Cream of Wheat

**A' venda em todos os estabelecimentos
de generos alimenticios**

M. L. DE MELLO Largo de S. Julião, 12, 1.ª LISBOA

M. L. DE MELLO Largo de S. Julião, 12, 1.ª LISBOA

CREAM of WHEAT

*Tocando
para a hora da refeição*

Um bom almoço
Um lanche agradável
Uma sobremesa deliciosa

PREÇO 300 RÉIS
Cada pacote contém uma Sopa-Brinde
A venda em todos os estabelecimentos
de generos alimenticios

M. L. DE MELLO
Largo S Julião-12 1.ª-LISBOA

É um cereal recommendado para os anemicos, diabeticos ou para
pessoas de digestão difficil, e em especial para as creanças,
porque é um alimento completo. **PREÇO 300 RÉIS**

UMA SOBREMESA DELICIOSA